



A invenção de Freud *

Autor: Sérgio Peixoto Mendes**

Paranhos nos cantos, no teto. Pássaros engaiolados. Mochilas prontas para viagem. A hora passa e não consigo tomar banho. Reclamo. Me Agito. Então, resolvo voar. Para decolar levanto a cabeça, baixo-a, desço e pouso. Braços abertos, vôo lento, junto-os e a velocidade aumenta. Alguem me olha estranhando aquele vôo insólito. Beltrano me inveja lá de baixo. Ali poucos voam. O porão é o lugar dos sonhos e quase tudo está lá, a disposição. Mas tudo tem o tempo certo, o seu tempo, e muitas são as coisas para arrumar. O porão acumula entulhos e traumas. Experimento as inovações mas acabo por deixa-las para mais tarde. Preciso tomar banho, as horas passam, quando se vê, já se foi.

Num mundo onde não deveria ter pressa, sou ansioso. Vivo preocupado com o tempo e, quando percebo, o planejado escapou. No subconsciente é preciso acordar mais cedo? Existem inquietudes? Parece-me que sim e nem voando consigo percorrer todos os espaços. O tempo não sobra. Quero soltar os pássaros engaiolados, limpar o porão, lapidar os traumas, lavar as meias, trocar de sapatos, tudo calmamente. Entretanto, a selva é densa, escura, sombria e estou sempre apressado. Por acaso alguém me espera? Sentado nada faço. Na floresta não tem trânsito, não tem guardas nem sinais, só uma motivação que não conheço, sentimo-me o caçador e a presa.

Agora é preciso ir, o despertador tocou. Porão é apenas um conceito amplo, limpo-o mais tarde.

* Do livro – Quadrado Peculiar (no prelo).

** É filosofo e escritor.